



## **ARTE E EDUCAÇÃO:** Caminhos para o Enfrentamento do Racismo nas Escolas.

MARINHO, Rafaella Silva <sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Elessandra Rodrigues<sup>2</sup>  
FERREIRA, Gislene Santos Amorim <sup>3</sup>  
GOMES, Sandra Monteiro <sup>4</sup>

**RESUMO:** Este trabalho aborda a importância de práticas pedagógicas voltadas ao enfrentamento do racismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destacando o papel das artes na construção da identidade, no fortalecimento da autoestima e no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. A proposta fundamenta-se na obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas (Lei nº 10.639/2003), visando à promoção de uma educação antirracista. A intervenção foi desenvolvida ao longo do ano letivo de 2025 com estudantes do 1º, 2º e 4º ano do Ensino Fundamental, com base em observações realizadas em sala de aula e nas atividades do Projeto Burareiro. Como estratégias metodológicas, empregaram-se a leitura mediada do livro “Quinzinho”, práticas artísticas e rodas de conversa, com o objetivo de promover a valorização da identidade dos alunos. Os resultados apontam que os estudantes demonstraram expressivo envolvimento e passaram a compreender e problematizar aspectos relacionados ao preconceito e ao racismo. Identificaram-se, ainda, relatos espontâneos de experiências pessoais de discriminação, evidenciando a urgência da abordagem dessas questões desde a infância. As ações pedagógicas contribuíram diretamente para o desenvolvimento da reflexão crítica e para o reconhecimento e valorização das características individuais de cada criança. Conclui-se que a abordagem contínua e intencional dessa temática no ambiente escolar é indispensável para a formação de uma consciência crítica e para a consolidação de uma educação genuinamente inclusiva e antirracista.

**PALAVRAS-CHAVE:** racismo; artes, escola.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo promover a reflexão sobre a importância de práticas pedagógicas que estimulem o desenvolvimento do pensamento crítico e o diálogo com estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca do

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Pedagogia, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, IFRO, *Campus* Porto Velho Zona Norte, marinhoraella7@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, IFRO, *Campus* Porto Velho Zona Norte, elessandrarodrigues52@gmail

<sup>3</sup> Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional, Graduada Licenciatura em Pedagogia. Professora da rede Municipal de Ariquemes lotada na Escola Professora Flordinice Maia Gomes. Supervisora de Área do PIBID na Escola Professora Flordinice Maia Gomes em Ariquemes-RO.

<sup>4</sup> Doutora em Educação, Ciências e Matemática. Mestre em Ciências da Saúde: Educação e Saúde. Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Direito. Professora do Instituto Federal de Rondônia.



enfrentamento do racismo. Além disso, busca-se evidenciar o papel do ensino das Artes como ferramenta central no processo de construção identitária dos estudantes, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a superação de preconceitos.

A fundamentação dessa proposta ampara-se na Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e particulares de Ensino Fundamental e Médio no Brasil. O principal objetivo desse dispositivo legal é valorizar a matriz africana na formação da sociedade nacional e promover, de fato, uma educação antirracista.

Contudo, a despeito de representar um marco legal histórico, a implementação plena da referida lei ainda enfrenta desafios significativos no país. Esses obstáculos manifestam-se seja pelas lacunas na formação docente, seja pela resistência na superação de uma visão eurocêntrica arraigada no ambiente escolar. Somado a isso, observa-se que a temática da afrodescendência é, muitas vezes, tratada de forma pontual, restringindo-se às comemorações do Mês da Consciência Negra e sendo negligenciada durante o restante do ano letivo.

Diante desse cenário, torna-se fundamental trabalhar essas questões com os estudantes de forma aprofundada, contínua e transversal, evitando abordagens superficiais ou folclorizadas e reconhecendo a urgência da inserção orgânica desse tema desde as séries iniciais.

Nessa perspectiva, o presente estudo apresenta uma intervenção pedagógica desenvolvida ao longo do ano letivo de 2025 com estudantes do 1º e do 2º ano do Ensino Fundamental. A proposta estruturou-se a partir de observações prévias e nas vivências proporcionadas pelo Projeto Burareiro. Como percurso metodológico, adotaram-se abordagens dialógicas e expressivas, tendo como estratégias centrais a leitura mediada do livro infantil “Quinzinho”, a realização de práticas artísticas e a promoção de rodas de conversa. Tais metodologias foram escolhidas por seu potencial de materializar o enfrentamento ao racismo de maneira lúdica e adequada à faixa etária, visando à valorização da identidade das crianças e à construção de um ambiente escolar genuinamente inclusivo.

## 2 METODOLOGIA



O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa de intervenção de abordagem qualitativa, estruturada a partir da observação participante e da aplicação de práticas pedagógicas direcionadas. As atividades foram desenvolvidas com estudantes do 1º, 2º e 4º anos do Ensino Fundamental, ao longo do primeiro e do segundo semestre do ano letivo de 2025.

A fase diagnóstica da intervenção ocorreu durante a realização de práticas artísticas livres e dirigidas. Nesse momento, constatou-se uma forte preferência dos estudantes por representar figuras humanas com fenótipos europeu, pele branca e cabelos loiros. O fenômeno manifestou-se de forma mais contundente quando a proposta era a criação de um autorretrato: mesmo os estudantes negros e pardos desenhavam a si mesmos com características brancas. Segundo Cavalleiro (2000), esse apagamento estético na infância é um reflexo do racismo estrutural, que impõe o padrão eurocêntrico como o único aceitável e belo, gerando nas crianças não brancas a rejeição de sua própria imagem e identidade.

A partir dessa constatação, delineou-se um plano de ação pedagógica com o objetivo central de promover a valorização da identidade afro-brasileira, a desconstrução de estereótipos, o fortalecimento da autoestima e o enfrentamento prático ao racismo no ambiente escolar.

Como eixo deflagrador das ações, empregou-se a mediação literária com a obra infantil “Quinzinho”, de autoria de Luciano Ramos, que aborda de maneira sensível e lúdica questões de racismo, afetividade e representatividade negra. A utilização da literatura infantil com protagonismo negro atua como um “espelho” positivo para as crianças, sendo uma ferramenta fundamental para a ressignificação do imaginário infantil e para a educação das relações étnico-raciais (GOMES, 2017).

Após as rodas de leitura e de diálogo, foram propostas atividades artísticas de fixação e expressão identitária. Entre as ações realizadas, destacam-se a pintura em panos de prato e a confecção de um livro coletivo. Nessas produções, os estudantes foram orientados e encorajados a representar suas reais características físicas, celebrando a diversidade de tons de pele, formatos de olhos e texturas de cabelo. Essa etapa prática corrobora a perspectiva de Gomes (2006), que ressalta o corpo e o cabelo como símbolos fundamentais da identidade negra, cuja valorização no espaço escolar é indispensável para a construção de uma autoimagem positiva e empoderada desde os anos iniciais.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos evidenciam a premência de abordar a temática das relações étnico-raciais de forma contínua e transversal no ambiente escolar, por meio de atividades lúdicas, artísticas e rodas de conversa ao longo de todo o ano letivo. Considerando que o racismo opera como um fenômeno estrutural e estruturante das relações sociais e institucionais no Brasil (ALMEIDA, 2019), sua discussão não pode, sob nenhuma hipótese, limitar-se a recortes temporais pontuais ou datas comemorativas, como o mês da Consciência Negra.

Durante a consecução das atividades, notou-se um expressivo engajamento dos estudantes. A transição dos desenhos iniciais, nos quais reproduziam acriticamente o padrão eurocêntrico, para a produção do livro coletivo e das pinturas nos panos de prato demonstrou uma apropriação identitária significativa. As crianças passaram a reconhecer, valorizar e representar a diversidade de seus próprios traços físicos, compreendendo, de forma adequada à sua faixa etária, a gravidade e os impactos do preconceito.

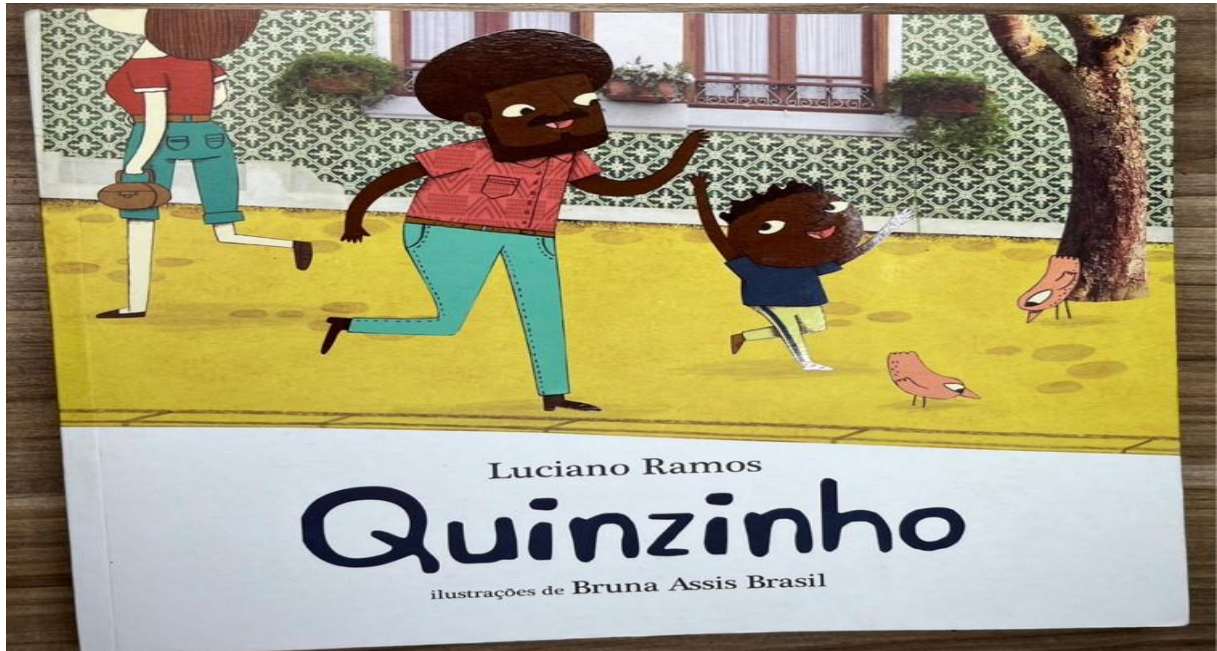
Além das produções artísticas, as rodas de conversa revelaram-se instrumentos metodológicos potentes, configurando-se como espaços de escuta sensível e segura. Nesses momentos, o compartilhamento de experiências pessoais desvelou uma dura realidade: mesmo na primeira infância, essas crianças já vivenciam e sofrem violências oriundas da discriminação racial. Esse dado reforça o papel da escola não apenas como um espaço de denúncia, mas de acolhimento, letramento racial e ressignificação de traumas.

Esse cenário escolar, marcado simultaneamente pela reprodução do preconceito e pela possibilidade de sua superação, dialoga intimamente com as reflexões de Bertoldo e Malysz (2014). Os autores problematizam a urgência de uma postura institucional e docente mais ativa diante dessas violências estruturais: Como lidar com a questão racial na escola? Como lutar contra o racismo velado nos estabelecimentos escolares? E como propor práticas pedagógicas para acabar com padrões de discurso dominante no espaço escolar? É necessário apurar o olhar para situações que, de uma forma ou de outra, estimulam manifestações preconceituosas no ambiente escolar. É importante desconstruir, desmitificar e desmistificar ideologias deturpadoras sobre cor e raça e estimular o pensamento crítico,



respeitoso e solidário de toda comunidade escolar (BERTOLDO; MALYSZ, 2014, p. 5)

**Figura 01.** Livro utilizado para dar início à roda de conversa.



Fonte: autoria própria (2025).

**Figura 02.** Atividade sobre as diferentes texturas de cabelos.



Fonte: autoria própria (2025).



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões proporcionadas por este estudo evidenciam a urgência e a relevância de se abordar a temática das relações étnico-raciais desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. As intervenções pedagógicas desenvolvidas, ancoradas expressivamente no ensino das Artes, demonstraram ser ferramentas potentes para auxiliar os estudantes no processo de reconhecimento identitário, no fortalecimento da autoestima e no respeito à diversidade.

Os resultados apontam que, por meio de estratégias lúdicas e dialógicas, as crianças tornam-se plenamente capazes de compreender as dinâmicas do preconceito e de problematizar o racismo. Além disso, a vivência prática da representatividade contribui diretamente para a valorização da pluralidade humana, consolidando um ambiente escolar mais acolhedor, seguro e inclusivo para todos.

Conclui-se, portanto, que a instituição escolar desempenha um papel inalienável na desconstrução de estigmas históricos. A efetivação de uma educação genuinamente antirracista exige um compromisso pedagógico contínuo, que ultrapasse datas comemorativas, sendo fundamental para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes, empáticos e comprometidos com a equidade social.

## 5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Ao Instituto Federal de Educação, pelo suporte oferecido durante a formação acadêmica. À Escola Municipal Professora Flordinice Maia Gomes, pela parceria estabelecida, e à professora supervisora, pelo acolhimento e pela colaboração ao longo das atividades desenvolvidas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERTOLDO, M.; MALYSZ, S. T. **O indivíduo Negro na Sociedade e o Papel da Escola na Desconstrução do Racismo**. Os desafios da escola pública paranaense



na perspectiva do professor PDE – versão online, ISBN 978-85-8015-079-7 –  
Cadernos PDE; Paraná. p. 5, 2014.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

GOMES, N. L. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2006. p. 195-207.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

RAMOS, L. **Quinzinho**. Ilustrações de Bruna Assis Brasil. São Paulo: Caqui, 2020.